

## OBSESSAO DESCONHECIDA

Os pais de Isolina Faria aproximaram-se do grupo espiritista, ansiosos de curar a filha.

Desde muito, vivia a jóven sob o imperio de singulares manifestações. Olhos cerrados a denunciar profunda insensibilidade na expressão fisionomica, gestos rudes, Isolina contorcia-se estranhamente e dava guarda a uma entidade ignorante e sofredora, que a tornava possessa. O Espírito perturbado, que parecia ter-se-lhe agarrado, prorrompia então em blasfemias, lagrimas, soluços. Lastimava-se, praguejava, acusando pessoas e envenenando circunstancias, á maneira de louco, que força alguma conseguia deter. Esgotados os recursos comuns, a familia deliberou apelar para o Espiritismo, antes de qualquer providencia, para interna-la no manicômio. Vizinhos e amigos não poupavam definições. Aquilo deveria ser obsessão cruel. Tanta gente não se havia curado, em trabalhos da consoladora doutrina dos Espíritos? Porque não tentar as melhoras de Isolina mediante esses recursos? Quando o chefe da casa se inclinou á decisão, o generoso Nolasco Borges, velho conhecido de infancia, prontificou-se aos serviços iniciais.

— Sossegue, meu amigo — esclareceu ao companheiro inquieto — em nossas reuniões a doente encontrará as melhoras precisas. Hoje mesmo começaremos os trabalhos de doutrinação da infeliz e, a breve tempo, Isolina será restituída á saude e á alegria a que sua mocidade tem direito.

De fato, na noite imediata, pequena caravana, Nolasco á frente, penetrava o modesto salão dos Pachecos, onde se efetuavam sessões intimas.

O velho Araujo, doutrinador carinhoso e esclarecido, organizou a reduzida assembléia, côncio da responsabilidade que lhe cabia.

Logo após a oração de abertura, a moça doente caía em contorções estranhas. Palidissima, boca espumejante, gritava dolorosamente, reproduzindo emoções da entidade desconhecida.

— Oh! meu irmão — exortava Araujo bondosamente — porque violentar desta maneira uma pobre criança, necessitada de equilíbrio para atender aos proprios deveres? Por quem és, meu amigo, esquece o mal e ouve a lição de Jesus. Estamos aqui votados á prática do bem. Somos imperfeitos, inferiores. Tateamos nas sombras da ignorância e não te desejamos impôr ensinamentos. Sabemos que a obra de redenção final pertence ao Mestre Divino; entretanto, creio que podemos advertir teu coração, pois aqueles que caíram como nós outros, neste mundo, estão habilitados a comentar os proprios males e evitar que outros incidam nos mesmos erros. Por vezes, poderá parecer que somos excessivamente ousados, tentando estabelecer normas aos que vivem em esfera indevassável aos nossos olhos; contudo, este esforço obedece ao amor fraternal que Jesus abençoa. Volta, amigo! Abandona a tarefa ingrata de subjugação desta jóven, que deve enriquecer-se com as experiencias da vida terrestre. Solicitamos tua boa vontade, por amor de Deus!...

A voz do generoso doutrinador sofria ligeiro estacado. Araujo, emotivo e bondoso, enxugava os olhos humidos, enquanto a reduzida assistencia permanecia sob enorme impressão. O Espírito ignorante demonstrava aflição. A palavra do doutrinador tocava-o profundamente, mas, como se estivesse preso a inflexíveis algemas, solugava mais fortemente e bradava:

— Ai de mim! Não posso!... não posso!...

— Não podes? — tornava Araujo dedicado — quan-

do temos vontade, Jesus nos confere o poder. Anima-te. Porque perseverar no sofrimento do mal, quando o bem nos oferta alegrias eternas? Levantemo-nos para Deus, edificando-nos na propria fraqueza. Se guardas reminiscencias amargas, esconde-as de ti, desfaze-te do vinagre acumulado no coração. Se foste ofendido, perdoa! Se as feridas te reclamam vingança, aplica-lhes o balsamo do amor que sabe viver da esperança em Cristo.

O corpo fragil da jóven contorcia-se violentamente, ao passo que o sofredor murmurava em pranto:

— Sou infame, desventurado! Não posso... não posso...

As reuniões de esclarecimento prosseguiam sem alteração. Duas vezes por semana, agrupavam-se os companheiros, repetindo-se as mesmas cenas.

Araujo não podia ser mais generoso. Ensinava bondosamente, como quem sabe corrigir amando. A entidade perturbadora, porém, não correspondia ao esforço senão com gritos, protestos e soluções de causar dó.

Decorridos alguns meses, a pequena assembléia começou a impacientar-se. Tão logo se manifestava o infeliz, formavam-se pensamentos contrários á simpatia fraternal. Na opinião da maioria, aquele Espírito requisitava punições e conselhos ásperos. Isolina era tida como vítima infortunada nas mãos de audacioso algoz da esfera invisível. Admirava-se a paciencia do dedicado orientador das sessões, que punha em jogo todos os recursos afetivos.

Nolasco, porém, á certa altura da tarefa, não se conteve, e depois de tumultuosa reunião, interpelou Araujo amigavelmente:

— Não julga você necessário e conveniente punir esse perseguidor implacável? Creio tratar-se de perverso bandido das trevas.

O velho doutrinador percebeu as dúvidas que pairavam no ambiente geral e acrescentou:

— Ha muito, venho lidando por compreender que cada causa permanece no lugar que lhe é proprio. Em nossa apreciação fragmentária, o perturbador de Iso-

lina é um Espírito diabólico; entretanto, é imprescindível não esquecer que as nossas definições são incompletas. Ha oito meses trabalhamos por levantar-lhe as energias, sem resultados satisfatórios. A' primeira vista, estamos fracassados no serviço de socorro espiritual; mas, como firmar nosso ponto de vista neste sentido, se desconhecemos as causas profundas?

Nolasco e os demais companheiros respeitaram-lhe o parecer, mantendo-se em silêncio expressivo.

— Esgotadas nossas possibilidades de compreensão — prosseguiu o amorável velhinho — não será justo apelar para o plano superior? Nós que desejamos socorrer, precisamos igualmente ser socorridos. Peçamos a Melanio, amoroso guia de nossos trabalhos, que se pronuncie. E' possível que a sua bondade fraterna nos conceda a chave do enigma.

Ninguem discordou da sugestão criteriosa.

Na noite seguinte, a reunião em casa dos Pachecos foi mais íntima. Acorreu Melanio gentilmente e depois de recomendar a cessação temporária dos trabalhos de doutrinação, prometeu chamar o obsessor a esclarecimentos. Examinaria o caso com atenção, a-fim-de tentar providencias justas. Em seguida, voltaria a notificar aos irmãos, relativamente ás tarefas que se impunham.

Dias decorreram antes que o emissário regressasse com as instruções espirituais. Após três semanas de expectativa, em sessão comum do agrupamento, eis que Melanio se manifesta, e, depois das carinhosas audações usuais, discorre, bondosamente, com surpresa geral:

— Quanto ao caso da irmã Isolina Faria, devo esclarecer preliminarmente que os aprendizes da Terra conhecem a obsessão sómente em sentido unilateral. O infeliz perturbador, que atende pelo nome de Juliano Portela, em sua ultima existencia terrena, não foi encontrado facilmente. Precisei reunir-me a companheiros da espiritualidade, a-fim-de chama-lo á explicações diretas. Tendes, nas vossas sessões, a presença do enfermo incarnado, ao passo que nas nossas, examinamos os doentes invisíveis a vós outros. Entreguei-me á solu-

ção do assunto, com a maior boa vontade; entretanto, o perturbador de Isolina queixa-se amargamente do assédio que experimenta, na esfera em que se encontra. Declara-se perseguido, atormentado por ela. Não tem paz, nem rumo certo. A mente da jóven, com o seu grande poder magnético, requisita-o em toda parte. O pobrezinho não consegue progredir, nem furtar-se ao ambiente de inquietação a que ela o sujeita. Se ao vosso olhar permanece a nossa amiga assediada, á nossa vista surge o infortunado Juliano em terrível desespérado do coração, como quem se sente prisioneiro de garras inflexíveis. Diante do que observamos, o verdadeiro obsessor é a médium obstinada. A vigorosa potencialidade magnética de Isolina é a gaiola, e Juliano o passaro cativo. E' preciso restabelecer o equilíbrio da verdadeira situação. Tanto existem perseguidores na esfera invisível, quanto nos círculos de vossa atividade comum. Aclarai o proprio espirito, amigos meus. Expulsemos a sombra de nossa região interior. Desincarnados e incarnados não significamos duas grandes raças diferentes, e irreconciliaveis. Todos somos semelhantes na vida eterna, com as mesmas possibilidades, deveres e obrigações. Nos dramas pungentes dos obsidiados, lembrai que, se na justiça humana não ocorrem processos absolutamente iguais nos detalhes, no resgate divino cada situação apresenta característicos diferentes. Guardai o brilho do cristal e refletireis a luz na sua pureza; retende o mel do bem e as abelhas da sabedoria cercar-vos-ão as pétalas interiores!...

Melanio calara-se enquanto a assembléia chorava comovida. O bondoso Araujo agradeceu com lagrimas de alegria:

— Obrigado, meu irmão!

O mensageiro orou ainda, emocionadamente, e declarou ao despedir-se:

— Em vista do que observamos, queridos companheiros, não bastará espantar as moscas do mal. E' indispensavel, antes de tudo, curar as feridas da imperfeição.

### A CONSELHEIRA INVIGILANTE

A' frente da amiga alarmada, Dona Deodata Chagas prosseguia aconselhando:

— Não deves proceder levianamente. E' necessário aprender a tolerancia, minha irmã. Ignoras, acaso, os principios da nossa consoladora doutrina? Quantas criaturas se perdem diariamente, por ignorancia das verdades que Jesus nos confia?

— Mas — perguntava a intepelada timidamente — e meu martirio doméstico? Será justo suportar a perseguição de pessoas sem conciencia? Meu marido parece olvidar comezinhos deveres do homem de bem.

— E porque não perdoar o pobrezinho? — atalhava a outra, firme e resoluta. — Não dês ouvidos a intrigas, nem te detenhas na observação do mal, ainda mesmo quando se positivem as tuas desconfianças. Lembra o perdão evangelico, minha boa Cacilda. Esquece a infelicidade dos espíritos inferiores que te não podem compreender. Além disto, convém não esquecer que o ciúme é o monstro insaciavel. Foge-lhe ás garras enquanto é tempo. Afinal de contas, a espôsa e mãe precisa fortaleza e serenidade.

A ouvinte enxugava o pranto copioso, mostrava-se mais calma e despedia-se resignada, recebendo novos apelos da amiga solícita.

Deodata Chagas era sempre assim. Dona de maravilhosos recursos verbais, tinha imensa facilidade para dar conselhos. Ninguem conseguia ausentar-se de sua porta, sem um punhado de exortações.